

Remix Ensemble

Casa da Música

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Coro

Casa da Música

Pedro Neves *direcção musical*

Vassily Sinaisky *direcção musical*

Christina Daletska *soprano*

29 Abril 2016

21:00 Sala Suggia

-

MÚSICA & REVOLUÇÃO

ANO RÚSSIA



casa da música

PATRONO MAESTRO TITULAR REMIX ENSEMBLE MECENAS MÚSICA CORAL

SONO SIERRA **Allianz** 

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

     **TENSO**

1ª PARTE

Remix Ensemble Casa da Música

Pedro Neves *direcção musical*

Christina Daletska *soprano*

Elena Firsova

Earthly Life, cantata para soprano e ensemble, op. 31 (1984; c.20min.)*

[5 andamentos sem título]

Music for 12, op. 34 (1986; c.10min.)

Edison Denisov

Sinfonia de Câmara n.º 2 (1994; c.20min.)

2ª PARTE

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Coro Casa da Música

Vassily Sinaisky *direcção musical*

Dmitri Chostakovitch

Da Suite do bailado *O Parafuso* (1931/34; c.5min.)

- *O Burocrata*

- *Dança do Carreteiro*

Sinfonia n.º 2 em Si maior, dedicada a Outubro (1927; c.20min.)*

*Tradução dos textos originais nas páginas 9 a 10

██████████

Cruzam-se neste concerto três gerações de compositores soviéticos: Dmitri Chostakovitch, nascido em 1906; Edison Denisov, nascido em 1929; e Elena Firsova, nascida em 1950. No seu conjunto, as suas vidas atravessam toda a história da União Soviética, de Chostakovitch, que nasceu ainda na Rússia czarista, tendo muito novo assistido à Revolução Bolchevique, a Denisov e Firsova, que testemunharam ambos o colapso do comunismo. As suas vidas atravessam ainda diferentes fases do regime socialista soviético, disso constituindo as obras deste concerto, aliás, uma amostra representativa. Assim, a Sinfonia n.º 2, composta por Chostakovitch, em 1927, para assinalar o 10º Aniversário da Revolução de Outubro, provém ainda de um primeiro período de entusiasmo revolucionário, a que correspondeu uma relativa liberdade de criação artística e um florescimento de vanguardas especificamente soviéticas. Já a música do bailado *O Parafuso*, composta entre 1930 e 1931, vem de um período, já com Estaline no poder, de crescente burocratização do aparelho do Estado e cada vez mais avassalador controlo do Partido Comunista sobre todas as esferas da sociedade, incluindo as artes; esse processo culminaria, sobretudo a partir de 1934, com a imposição das célebres doutrinas do “realismo socialista”, instaurando um clima de repressão e perseguição de que Chostakovitch seria frequentemente vítima. Já as duas obras de Firsova provêm do período final da União Soviética, num ambiente já de maior abertura e contacto com o exterior, tendo ambas sido, aliás, estreadas em países ocidentais: *Earthly Life* em Londres, a 10 de Novembro de 1986, e *Music for 12* em Berlim Ocidental, a 12 de Setembro do mesmo ano. (Apesar dessa maior abertura, Firsova fora

repreendida no 6º Congresso da União dos Compositores Soviéticos, em 1979, tal como aliás Denisov e outros 5 compositores, por ter participado, sem autorização oficial, em festivais dedicados à música soviética em países ocidentais, num episódio a que seria dada ampla publicidade no Ocidente.) Por fim, a Sinfonia de Câmara n.º 2, uma das últimas obras de Denisov, seria já composta depois da queda do regime comunista, em 1994.

Para além destas circunstâncias históricas, estes três compositores unem-se também por laços pessoais e artísticos. Por exemplo, Chostakovitch teve um papel crucial para que Denisov seguisse uma carreira musical. Em 1951, Denisov estava ainda indeciso entre uma carreira como compositor ou engenheiro (seguindo as pisadas do seu pai, que até lhe dera o nome Edison!), e foi na sequência de ter enviado as suas partituras para Chostakovitch e de dele ter recebido um forte encorajamento para que seguisse uma carreira musical que conseguiu, finalmente, resolver o seu dilema. Mais tarde, na década de 1970, Denisov teria um impacto determinante em Elena Firsova. Embora sem ter sido oficialmente sua discípula, Firsova foi uma das compositoras (e compositores) que beneficiaram do contacto particular com Denisov, o compositor soviético com mais contactos no Ocidente, cuja casa se tornou uma biblioteca informal de música contemporânea e centro de discussão de novas formas de expressão musical. Em particular, Denisov despertou o interesse de Firsova pela música francesa contemporânea, sobretudo Messiaen e Boulez, uma música cuja influência cada um assimilou de forma diferente.

Elena Firsova

LENINEGRADO, 21 DE MARÇO DE 1950

***Earthly Life*, cantata para soprano e ensemble**

“As minhas obras mais importantes são, para mim, aquelas que põem em música textos de Mandelstam. Estas incluem *Três Poemas de Mandelstam*, para soprano e piano, e sete cantatas para voz solista e orquestra ou ensemble. (...) É o meu poeta preferido, aquele de quem me sinto mais próxima. (...) A sua poesia está escrita precisamente da forma que eu gostaria de escrever música”.

O poeta Osip Mandelstam foi, na década de 1930, um dos artistas a sucumbir vítima das purgas estalinistas: inicialmente sujeito a uma espécie de exílio interno, em 1934, seria novamente preso em 1938 e deportado para um campo na Sibéria, onde acabaria por morrer. Nascido em 1891, Mandelstam fora um dos mais importantes protagonistas do acmeísmo, um movimento literário modernista surgido na Rússia, no início da década de 1910. Fundamentalmente, o movimento pugnava por um ideal apolíneo de clareza de expressão, oposto ao frenesim dionisiaco que censurava na poesia simbolista russa contemporânea. Essas características estéticas, de facto, podemos também reconhecê-las na música de Elena Firsova, que igualmente se coloca num plano mais apolíneo que dionisiaco, evitando o sentimentalismo fácil ou a agitação gratuita, e preferindo, em vez disso, chegar a uma intensidade de expressão através da sobriedade dos meios e concisão da forma.

É certamente esse o caso de *Earthly Life*, uma cantata para soprano e ensemble, em cinco andamentos, cada um dos quais põe em música um poema de Mandelstam. Em três dos andamentos (o primeiro, o terceiro e o quinto) predomina um ambiente delicado e misterioso, frequentemente com sonoridades sustentadas nas cordas e pequenos apontamentos na harpa e na percussão: no primeiro andamento, por exemplo, acordes longos nas cordas, em *pianissimo*, sugerem o “cântico incessante / Do silêncio profundo da floresta”; já no terceiro andamento, o acompanhamento lento e expressivo das cordas revela um ambiente místico, quase religioso, como sugerido pelo texto. Nos outros poemas (o segundo e o quarto), a música é mais rápida, instável e nervosa.

A composição desta obra resultou de uma encomenda da BBC, em 1984, tendo sido a primeira encomenda internacional que a compositora recebeu. Foi esta obra que consagrou a reputação de Firsova no Reino Unido, país para onde acabaria por se mudar em 1991, juntamente com o seu marido, o também compositor Dmitri Smirnov.

Music for 12

“Esta é uma peça curta num único andamento, com cerca de 10 minutos de duração. Tentei aqui, pela primeira vez, trabalhar com um tema musical, o que poderíamos atribuir a um estilo “retro”: o estilo, por exemplo, do Romantismo tardio ou do Expressionismo inicial. Usando este material, contudo, tentei escrever uma peça do nosso tempo. Espero tê-lo conseguido.”

Music for 12 – uma obra composta em 1986 para o ensemble de solistas do Teatro Bolshoi – começa com o violino a tocar, sozinho, uma

melodia de cinco notas, de carácter lírico e expressivo. Essa melodia reaparece constantemente ao longo do andamento, às vezes de forma óbvia – simplesmente tocada noutros instrumentos solistas, como a flauta, a trompa, o trompete ou a celesta –, outras vezes mais subtil. É esse o tema musical recorrente a que Firsova se refere na citação acima e, de facto, se tivermos em conta que a ideia de compor música com base em temas recorrentes praticamente desapareceu da música mais vanguardista a partir da década de 1950, parece haver algo de conservador nesta obra. E é evidente a associação ao Romantismo tardio e Expressionismo inicial, em especial na escrita para as cordas, em que frequentemente sentimos ecos da *Noite Transfigurada* de Schoenberg. Mas a peça não é uma simples imitação da música do início do século XX: o seu universo sonoro, por exemplo, seria inconcebível numa obra desse período, antes se sentindo a influência da música de Boulez, sobretudo na escrita para harpa e celesta. E se não é igual a Schoenberg, a música também não é igual a Boulez. Há, na verdade, um lado expressivo muito próprio nesta música, um lirismo contido em que reconhecemos a assinatura inconfundível de Firsova.

Edison Denisov

TOMSK (RÚSSIA), 6 DE ABRIL DE 1929

PARIS, 24 DE NOVEMBRO DE 1996

Sinfonia de Câmara n.º 2

Denisov foi vítima de um terrível – e quase fatal – acidente de viação no Verão de 1994, quando se dirigia para o primeiro ensaio da sua Sinfonia de Câmara n.º 2. A obra que hoje ouvimos está, portanto, rodeada de circunstâncias trágicas, marcando o início do período final da vida de Denisov, em que a sua saúde ficou cada vez mais frágil (acabaria por falecer dois anos depois). Apesar disso – e de forma quase miraculosa – continuou sempre a compor prolificamente, terminando ainda 12 novas obras depois desta.

A Sinfonia de Câmara n.º 2 é, aliás, uma obra cheia de energia e vitalidade. Começa de forma quase caótica, sugerindo uma espécie de tumulto que só aos poucos começa a serenar. Na verdade, a música nunca estabiliza completamente: os momentos de acalmia são logo interrompidos por algo mais agitado, e mesmo as passagens mais líricas conjugam-se sempre com um elemento de maior actividade. De resto, a escrita para os instrumentos é bastante virtuosística, destacando-se o papel proeminente da percussão (nomeadamente dos bongós).

A obra foi escrita para o Ensemble ASM, um ensemble de música contemporânea que o próprio Denisov criara, em 1990, no âmbito de uma nova Associação de Música Contemporânea. Essa nova organização procurava reavivar a antiga associação fundada por Nikolai Roslavets, em 1923, e depois banida no tempo de Estaline, a qual tivera um papel central nesses anos – da década de 1920 – geralmente considerados os mais livres e experimentais da música soviética.

Dmitri Chostakovitch

SÃO PETERSBURGO, 25 DE SETEMBRO DE 1906

MOSCOVO, 9 DE AGOSTO DE 1975

Suite do bailado *O Parafuso*

Ouvimos hoje duas das seis danças que integram a suite de *O Parafuso*, suite essa que, por sua vez, provém de um longo bailado em três actos estreado em Leninegrado a 8 de Abril de 1931. O bailado conta a história de um brutamontes que é despedido por estar constantemente embriagado e decide, então, vingar-se dos antigos empregadores, convencendo um colega a sabotar a fábrica, ao colocar um parafuso muito grande numa das máquinas. À última hora, esse colega tem um assomo de consciência, arrepende-se, e denuncia todo o esquema, levando à prisão do malfeitor.

Apesar de a história do bailado se integrar perfeitamente na causa soviética, entrando até em eco com um julgamento de sabotadores industriais que tivera realmente lugar em 1930, a verdade é que a obra foi muito mal recebida pela imprensa, despertando grande controvérsia. Embora a temática fosse adequada, a sua realização foi considerada superficial e irreverente, em especial porque tanto as personagens “positivas” (proletárias) como as “negativas” (burguesas) eram vistas à mesma luz grotesca. Um crítico notava mesmo a “falta de preparação política do compositor para a criação de um espectáculo soviético”.

Quanto à suite propriamente dita, Chostakovitch organizou-a inicialmente em oito andamentos, mas reduziu-a depois a seis; substituiu também, nessa altura, em 1934, alguns dos títulos possivelmente polémicos (como *O Burocrata*) por títulos genéricos (como *Polka*). É justamente *O Burocrata* um

dos números que hoje ouvimos: uma dança eminentemente caricatural, desde logo pela conjugação de um flautim caprichoso e um fagote “gordo” e mal-humorado, sugerindo justamente a figura de um burocrata autoritário.

Sinfonia n.º 2, dedicada a Outubro

Ao compor a obra que hoje conhecemos como Sinfonia n.º 2, Chostakovitch respondia à sua primeira encomenda. Tinha, então, apenas 20 anos de idade, mas o trabalho que lhe era proposto era já de grande responsabilidade: compor uma obra em honra do 10º aniversário da Revolução de Outubro. Apesar do título actual, o compositor não pensou originalmente a obra como uma sinfonia. Entre os títulos provisórios que lhe atribuiu incluíam-se “poema sinfónico” e “dedicatória sinfónica a Outubro”. Só numa fase bastante avançada é que usou o título de “sinfonia”. Tal não é de surpreender, visto que a estrutura da obra não se conforma aos padrões tradicionais de uma sinfonia, em especial por ter um único andamento (ao contrário dos quatro convencionais), por ser relativamente curta, não apresentar temas musicais recorrentes e, ainda, por ter um peso muito acentuado de música vocal face à música instrumental.

Embora estruturada num único andamento, a sinfonia divide-se, claramente, em duas partes principais, muito contrastantes entre si: a primeira, exclusivamente instrumental; a segunda, dominada pelo coro. A primeira parte é de estilo resolutamente modernista, nela predominando uma escrita dissonante e atonal em que, para além de se reconhecer a influência de compositores ocidentais contemporâneos como Alban Berg, se antevê até alguma música vanguardista do pós-guerra (algumas passagens de textura mais densa e complexa

soam quase ligetianas). Já a segunda parte, dominada, como se referiu, pelas vozes, é de estilo mais tradicional, linguagem mais tonal e carácter eminentemente celebratório. Nela o coro dá corpo a um texto de Alexander Bezymenski que descreve a trajectória do proletariado russo, desde a opressão no tempo do czarismo (“Nós caminhávamos, pedindo trabalho e pão, / Os nossos corações estavam esmagados pela tristeza”) até à sua libertação, comandados por Lenine, na Revolução de Outubro (“E ninguém jamais nos tirará / Esta vitória sobre o jugo e a escuridão / ... / Pois o nome da vitória é Outubro!”).

Na verdade, o texto permite, retrospectivamente, entender a primeira parte – exclusivamente instrumental – como a representação de várias fases do processo revolucionário: o passado não esclarecido da classe operária, simbolizado com o carácter escuro e inerte da música inicial; o despertar da consciência revolucionária, quando o andamento fica mais rápido e a música mais rítmica, como que representando uma ideia de revolta ou protesto; e, por fim, uma passagem extremamente livre, em que se sobrepõem cada vez mais partes independentes na orquestra, de forma cada mais activa e frenética, como que numa celebração da libertação do proletariado, ainda de forma algo anárquica (antes de uma nova ordem ser estabelecida). Segundo a musicóloga soviética Marina Sabinina, o jovem Chostakovitch baseou-se nos espectáculos revolucionários de rua existentes naquela altura, daí tendo surgido a ideia de fazer da sinfonia uma série de quadros ou representações dramáticas relativamente realistas.

Muita tinta tem corrido sobre o grau de sinceridade e entusiasmo com que Chostakovitch compôs esta obra. Para alguns, só compôs a obra porque praticamente a tal foi obrigado,

e teria até tentado, subversivamente, criticar o regime: assim, o início da música, escuro e caótico, poderia representar não só o tempo czarista como também o lado mais negro do regime bolchevique. É claro para muitos, porém, que Chostakovitch simpatizava com as ideias comunistas e, seja como for, o período mais agudo das perseguições estalinistas não tinha ainda começado: prova disso é, aliás, o carácter modernista de boa parte da música. É certo que, em cartas enviadas a amigos, Chostakovitch deu conta de uma certa frustração e desalento ao compor esta peça, mas isso parece ter-se sobretudo devido aos apertadíssimos prazos que tinha de cumprir (tendo recebido a encomenda no fim de Março de 1927, tinha de entregar a partitura completa até ao dia 1 de Agosto) e também à avaliação muito negativa que fazia da qualidade artística (e não necessariamente do conteúdo) do poema.

DANIEL MOREIRA, 2016

Elena Firsova

Earthly Life

Poemas de Osip Mandelstam

1.

O som tímido e abafado
Do fruto desprendido da árvore,
Entre o cântico incessante
Do silêncio profundo da floresta.

2.

Aqui as rãs abjectas
Saltam para a erva densa.
Se não fosse pela morte, jamais eu
Saberia que estou viva.

O que é que vós quereis de mim,
Ó vida e beleza terrestres,
Mas ela conseguiu lembrar-me,
Quem sou eu e quem é meu sonho.

3.

O corpo foi-me dado, que hei-de fazer com ele,
Tão uno e tão meu?

Digam-me, a quem devo agradecer
Pela alegria silenciosa de respirar e viver?

Sou ambos, o jardineiro e a flor,
Não estou sozinho na prisão do Mundo.

A minha respiração, o meu calor,
Já repousam nos vidros da eternidade.

(Este padrão ainda há pouco irreconhecível
Ficará impresso neles.)

Que escorra a lama dos momentos –
Que este padrão amado não será eliminado.

4.

Cresci no fundão malicioso e lamacento,
Sacolejando os canaviais,
Respirando a vida proibida,
Apaixonada, lânguida, e carinhosamente.

E estou a murchar, ignorado por todos,
Num abrigo frio e brejoso,
Cumprimentado pelo sacolejar amistoso
Dos breves minutos de Outono.

Estou feliz na minha ofensa cruel,
E na minha vida, parecida com um sonho,
Invejo secretamente a todos,
E amo secretamente a cada um.

5.

Intrometi-me com meu nome cantante,
Na roda das sombras, que pisavam pasto tenro,
Mas tudo desvaneceu, e só ficou
Um som ténue na memória enublada.

No início pensei, que o nome era serafim,
E estranhava o corpo leve,
Mas passaram poucos dias e misturei-me com ele,
E dissolvi-me na sombra querida.

E novamente a macieira perde o fruto silvestre,
E uma imagem secreta brilha ante mim,
E blasfema, e amaldiçoa a ele próprio,
E engole as brasas do ciúme.

E a felicidade rola, como um aro dourado,
Cumprindo a vontade alheia,
E tu persegues a leve Primavera,
Cortando o ar com a palma da mão.

E a ordem das coisas é tal, que não saímos
Deste círculo vicioso.
E as serras firmes da terra virgem
Poisam, envolvidas sofregamente.

Dmitri Chostakovitch

Sinfonia n.º 2, dedicada a Outubro

Poema de Alexander Bezymenski

Nós caminhávamos, pedindo trabalho e pão,
Os nossos corações estavam esmagados pela tristeza.
As chaminés fabris estendiam-se para o céu
Como as mãos, sem força para apertar os punhos.
Pavorosos eram os nomes das nossas ciladas:
O Silêncio, o Sofrimento, o Jugo.

Mas as palavras da aflição, as palavras das nossas mágoas
Romperam o silêncio em voz mais alta do que a das armas.
Ó Lenine! Forjaste a força de vontade do sofrimento,
Forjaste a força de vontade das mãos calosas.
Apercebemo-nos, Lenine, que o nosso destino.
Leva o nome de “Luta”.

Luta! Levaste-nos até à última batalha.
Luta! Deste-nos a vitória do Trabalho.
E ninguém jamais nos tirará
Esta vitória sobre o jugo e a escuridão.
Que seja jovem e corajoso cada um nesta luta:
Pois o nome da vitória é Outubro!

Outubro! – é o mensageiro do sol ansiado.
Outubro! – é a força de vontade dos séculos revoltados.
Outubro! – é o trabalho, a alegria e a canção.
Outubro! – é a felicidade dos campos e dos tornos.
Eis o estandarte, eis o nome das gerações vivas:
Outubro, Comuna e Lenine.

Traduções: Maria Kurchatova Pereira

Pedro Neves *direcção musical*

Pedro Neves é Maestro Titular da Orquestra Clássica de Espinho e assumiu recentemente o cargo de Maestro Convidado da Orquestra Gulbenkian. É doutorando na Universidade de Évora, tendo como objecto de estudo as seis sinfonias de Joly Braga Santos.

Foi maestro titular da Orquestra do Algarve entre 2011 e 2013, e é convidado regularmente para dirigir a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, Orquestra Sinfónica Portuguesa, Orquestra Metropolitana de Lisboa, Filarmónia das Beiras, Orquestra da Cidade de Joensuu (Finlândia) e Orquestra Sinfónica de Porto Alegre (Brasil). Em 2012 colaborou pela primeira vez com a Companhia Nacional de Bailado, dirigindo *A Bela Adormecida* de Tchaikovski.

No âmbito da música contemporânea, tem colaborado com o Sond'arte Electric Ensemble – com o qual estreou obras de vários compositores portugueses e estrangeiros, realizando digressões na Coreia do Sul e no Japão –, com o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e com o Remix Ensemble Casa da Música.

É fundador da Camerata Alma Mater, que se dedica à interpretação de repertório para orquestra de cordas e que sido recebido de forma elogiosa pelo público e pela crítica especializada.

Pedro Neves iniciou os estudos musicais na sua terra natal, estudando violoncelo com Isabel Boiça, Paulo Gaio Lima e Marçal Cervera, respectivamente no Conservatório de Música de Aveiro, na Academia Nacional Superior de Orquestra (Lisboa) e na Escuela de Música Juan Pedro Carrero (Barcelona), com o apoio da Fundação Gulbenkian. No que diz respeito à direcção de orquestra estudou com Jean-Marc Burfin, obtendo a licenciatura na Academia Nacional Superior de Orquestra.

Estudou ainda com Emilio Pomàrico em Milão e com Michael Zilm, do qual foi assistente. O resultado deste seu percurso faz com que a sua personalidade artística seja marcada pela profundidade, coerência e seriedade da interpretação musical.

Vassily Sinaisky *direcção musical*

A carreira internacional de Vassily Sinaisky foi lançada em 1973, com a conquista da Medalha de Ouro no prestigioso Concurso Karajan em Berlim. No início do seu percurso trabalhou com Kirill Kondrashin na Filarmónica de Moscovo e com Ilya Musin no Conservatório de Leninegrado, o que lhe garantiu uma preparação muito sólida. Pouco depois do Concurso Karajan, foi nomeado Maestro Titular da Orquestra Sinfónica da Letónia, um mandato que durou de 1976 a 1987. Tornou-se depois Director Musical e Maestro Titular da Filarmónica de Moscovo, liderando numerosos projectos importantes desta orquestra, na Rússia e em digressão.

Na temporada de 2015/16 dirige as Filarmónicas de São Petersburgo, Dresden e BBC, Sinfónicas da Rádio SWR de Estugarda, Sinfónicas de Lahti, Stavanger, Cidade de Birmingham, St. Louis e Seattle, uma produção de *O Anjo de Fogo* de Prokofieff na Komische Oper Berlim e *A Dama de Espadas* na Ópera Húngara.

Vassily Sinaisky colabora regularmente com agrupamentos como a Orquestra de Cleveland, Filarmónicas de Los Angeles, Londres e Checa, e Sinfónicas da Rádio de Berlim e de Estugarda. Nas temporadas mais recentes dirigiu também as orquestras do Concertgebouw de Amesterdão e da Gewandhaus de Leipzig, Sinfónica NDR de Hamburgo, Filarmónica da Radio France e Sinfónica NHK de Tóquio.

Vassily Sinaisky é Maestro Emérito da Filarmónica da BBC e Maestro Honorário da Sinfónica de Malmö (Suécia). Entre os projectos mais marcantes com a Filarmónica da BBC incluem-se o festival "Shostakovich and his Heroes", digressões na Europa e China e várias participações nos BBC Proms. Com a Sinfónica de Malmö, realizou digressões no

Reino Unido, apresentou-se no Concertgebouw de Amesterdão e gravou um ciclo aclamado de quatro discos com as sinfonias de Franz Schmidt. Foi Maestro Convidado Principal da Filarmónica dos Países Baixos e Director Musical da Orquestra Estatal Russa. Entre 2010 e 2013, foi Maestro Titular e Director Musical do Teatro Bolshoi e dirigiu aclamadas produções incluindo *O Galo de Ouro* de Rimski-Korsakoff (direcção cénica de Kirill Serebrennikov) e a primeira encenação em Moscovo d'*O Cavaleiro da Rosa* de Richard Strauss (direcção cénica de Stephen Lawless).

Vassily Sinaisky dirigiu novas produções de *Iolanta* e *Francesca da Rimini*, com Stephen Lawless, no Theater an der Wien (Viena), e *Boris Godunov* na Ópera de São Francisco. Outros projectos a destacar foram *Carmen* e *O Cavaleiro da Rosa* para a English National Opera e a aclamada produção de *Lady Macbeth of Mtsensk* com Hans Neuenfels para a Komische Oper Berlim.

Para além dos discos com as sinfonias de Franz Schmidt para a Naxos, com a Sinfónica de Malmö, a discografia de Vassily Sinaisky inclui gravações com a Filarmónica da BBC de obras de Chostakovitch, Tchaikovski, Rimski-Korsakoff, Shchedrin, Glinka, Liadov, Schreker e Szymanowski. Vassily Sinaisky é um professor notável e influente, leccionando Direcção de Orquestra no Conservatório de São Petersburgo.

Christina Daletskaja soprano

Christina Daletskaja é uma das cantoras mais interessantes e versáteis da sua geração. Aclamada como “uma descoberta” pela interpretação da *Missa Solemnis*, na sua estreia na Tonhalle de Zurique com 24 anos, tem sido largamente elogiada pela imprensa. As suas raras capacidades musicais permitem-lhe atingir um alto nível na interpretação de repertório desde o Renascimento até ao século XXI.

Christina Daletskaja ganhou projecção internacional quando fez a sua estreia enquanto Rosina aos 23 anos no Teatro Real de Madrid, a que se seguiram actuações em Lyon (*Don Giovanni* de Mozart e *Moskau* de Chostakovitch), Graz (*As Bodas de Fígaro*) e Festival de Lucerna (*A Flauta Mágica*). Nos últimos anos estreou-se no Barbican Centre (*Idomeneo*) e no Teatro dos Campos Elísios com a Orquestra de Câmara Mahler (*Otelo*), dois palcos a que regressou enquanto Annio (*La Clemenza di Tito* com a Orquestra de Câmara de Bremen).

É convidada regular da Ópera de Zurique (*O Barbeiro de Sevilha*, *As Bodas de Fígaro* e *La Scala di Seta*), Festspielhaus Baden-Baden (*Idomeneo*, *Carmen*, *Traviata* e *Otelo*) e Festival de Salzburgo onde cantou *Folk Songs* de Berio com a Orquestra Mozarteum sob a direcção de Ivor Bolton, e o papel de Amor em *Das Labyrinth* de Peter von Winter.

A expressividade singular da sua voz e a sua inteligência musical fazem de Christina Daletskaja uma intérprete ideal de canções, e os recitais com programas inovadores têm-na levado a apresentar-se por toda a Europa. O interesse por música contemporânea cresceu desde que fez a sua primeira estreia mundial, em Estrasburgo no ano de 2007 – o seu sentido irreprensível de afinação tornam-na uma intérprete

natural deste tipo de repertório. Estreou recentemente *Gesänge-Gedanken* de Manoury em Oslo, com o BIT20, apresentando posteriormente a mesma obra com o Ensemble intercontemporain em Paris e Bordéus. Cantou *An Index of Metals* de Romitelli no Festival Borealis em Bergen, com o BIT20 dirigido por Baldu Brönnimann, e *Prometeo* de Nono com Ingo Metzmacher e Sinfónica SWR em Amsterdão e Zurique. Com a mesma peça, estreou-se na Ruhrtriennale e no Festival de Outono em Paris, em 2015. Interpreta o papel principal na estreia mundial da nova ópera de Manoury, *Kein Licht*, uma colaboração com Elfriede Jerlinek e Nicolas Stemann apresentada em Paris, Berlim, Estrasburgo, Luxemburgo, Zagreb e na Ruhrtriennale em 2017.

Para além da música, tem uma vasta gama de interesses – fala sete línguas e foi nomeada Embaixadora da Amnistia Internacional devido ao seu papel activo pela defesa dos direitos humanos.

Remix Ensemble Casa da Música

Peter Rundel *maestro titular*

Desde a sua formação em 2000, o Remix Ensemble apresentou em estreia absoluta mais de oitenta e cinco obras e foi dirigido pelos maestros Stefan Asbury, Ilan Volkov, Kasper de Roo, Pierre-André Valade, Rolf Gupta, Peter Rundel, Jonathan Stockhammer, Jurjen Hempel, Matthias Pintscher, Franck Ollu, Reinbert de Leeuw, Diego Masson, Emilio Pomarico, Brad Lubman, Peter Eötvös, Paul Hillier, Titus Engel e Baldur Brönnimann, entre outros.

No plano internacional apresentou-se em Valência, Roterdão, Huddersfield, Barcelona, Estrasburgo, Paris, Orleães, Bourges, Toulouse, Reims, Antuérpia, Madrid, Milão, Ourense, Budapeste, Norrköping, Viena, Witten, Berlim, Amesterdão, Colónia, Zurique, Hamburgo, Luxemburgo e Bruxelas, incluindo festivais como Wiener Festwochen e Wien Modern (Viena), Agora (IRCAM – Paris) e Printemps des Arts (Monte Carlo). Entre as obras interpretadas em estreia mundial incluíram-se duas encomendas a Wolfgang Rihm, o concertino para piano *Jetzt genau!* de Pascal Dusapin no programa de encerramento do Festival Musica de Estrasburgo, *Le soldat inconnu* de Georges Aperghis (uma encomenda da ECHO), *Da capo* de Peter Eötvös e a ópera *Giordano Bruno* de Francesco Filidei, apresentada no Porto, Estrasburgo, Reggio Emilia e Milão. Fez a estreia mundial da nova produção da ópera *Quartett* de Luca Francesconi, com encenação de Nuno Carinhas, apresentada no Porto e em Estrasburgo. O projecto *Ring Saga*, com música de Richard Wagner adaptada por Jonathan Dove e Graham Vick, levou o Remix Ensemble ao Festival Musica de Estrasburgo,

Cité de la Musique em Paris, Saint-Quentin-en-Yvelines, Théâtre de Nîmes, Le Théâtre de Caen, Grand Théâtre du Luxembourg e Grand Théâtre de Reims.

Entre os projectos para 2016, merecem destaque as retrospectivas das obras de George Aperghis, Alfred Schnittke e Heinz Holliger, um projecto cénico sobre *A Viagem de Inverno* de Schubert na reinterpretação de Hanz Zender com encenação de Nuno Carinhas, e a estreia mundial de novas composições de António Breitenfeld Sá-Dantas e Daniel Moreira.

O Remix tem treze discos editados com obras de Pauset, Azguime, Côrte-Real, Peixinho, Dillon, Jorgensen, Staud, Nunes, Bernhard Lang, Pinho Vargas, Wolfgang Mitterer, Karin Rehnqvist, Pascal Dusapin, Luca Francesconi e Unsuk Chin. A prestigiada revista londrina de crítica musical *Gramophone* incluiu o CD com gravações de obras de Pascal Dusapin, pelo Remix Ensemble e a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, na restrita listagem de Escolha dos Críticos do Ano 2013.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Baldur Brönnimann *maestro titular*

Leopold Hager *maestro convidado principal*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Baldur Brönnimann, Olari Elts, Leopold Hager, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Jérémie Rhorer, Peter Rundel, Michael Sanderling, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Gilbert Varga, Antoni Wit, Takuo Yuasa, Lothar Zagrosek, Peter Eötvös ou Ilan Volkov. Entre os solistas que colaboraram recentemente com a orquestra constam os nomes de Pierre-Laurent Aimard, Jean-Efflam Bavouzet, Pedro Burmester, Ana Bela Chaves, Sequeira Costa, Alban Gerhardt, Natalia Gutman, Viviane Hagner, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Cyprien Katsaris, Christian Lindberg, Felicity Lott, António Meneses, Midori, Truls Mørk, Kristine Opolais, Lise de la Salle, Simon Trpčeski ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös e Helmut Lachenmann, a que se junta em 2016 o nome de George Aperghis.

A Orquestra tem vindo a incrementar as actuações fora de portas. Nas últimas temporadas apresentou-se nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid e no Brasil, e é regularmente convidada

a tocar em Santiago de Compostela e no Auditório Gulbenkian. Para além da apresentação regular do repertório sinfónico, a orquestra demonstra a sua versatilidade com abordagens aos universos do jazz, fado ou hip-hop, ao acompanhamento de projecção de filmes e aos concertos comentados.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler e dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines”, gravado com Mário Laginha, Maria João, David Linx e Diederik Wissels, ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça pela editora Naxos. A gravação ao vivo com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos 2013 na revista Gramophone. Em 2014 surgiu o CD monográfico de Luca Francesconi, seguindo-se em 2015 um disco com obras de Unsuk Chin, ambos com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2014, a Orquestra interpretou uma nova obra encomendada a Harrison Birtwistle, no âmbito das celebrações do 80º aniversário do compositor. Em 2016 apresenta uma nova encomenda a George Aperghis em estreia nacional e as integrais das Sinfonias de Prokofieff e dos Concertos para piano e orquestra de Rachmaninoff.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

Coro Casa da Música

Paul Hillier *maestro titular*

Desde a sua fundação em 2009, o Coro Casa da Música foi dirigido pelos maestros James Wood, Simon Carrington, Laurence Cummings, Andrew Bisantz, Kaspars Putniņš, Andrew Parrott, Antonio Florio, Christoph König, Peter Rundel, Robin Gritton, Michail Jurowski, Martin André, Marco Mencoboni, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Gregory Rose, Takuo Yuasa e Nicolas Fink, para além do seu maestro titular, Paul Hillier. Eclético no seu repertório, o Coro é constituído por uma formação regular de 18 cantores, a qual se alarga a formação média ou sinfónica em função dos programas apresentados.

Colaborou com os agrupamentos instrumentais da Casa da Música na interpretação da *Missa em Dó menor* de Mozart, *O Cântico Eterno* de Janáček, a Sinfonia Coral de Beethoven, o *Requiem à memória de Camões* de Bomtempo, o *Requiem Alemão* de Brahms, a 3ª Sinfonia de Mahler, o *Messias* de Händel, o *Te Deum* de Charpentier, a *Oratória de Natal*, o *Magnificat* e Cantatas de Bach, a *História de Natal* de Schütz, o *Te Deum* de António Teixeira e o *Requiem* de Verdi.

Na temporada de 2016, o Coro Casa da Música volta-se especialmente para a música russa, interpretando as *Vésperas* de Rachmaninoff, o *Requiem* de Schnittke, o *Cântico do Sol* de Gubaidulina, obras *a cappella* da Corte de Catarina, a Grande, e grandes obras corais sinfónicas de Prokofieff e Chostakovitch.

O Coro Casa da Música faz digressões regulares, tendo actuado no Festival de Música Antiga de Úbeda y Baeza (Espanha), no Festival Laus Polyphoniae em Antuérpia, no Festival Handel de Londres, no Festival

de Música Contemporânea de Huddersfield, no Festival Tenso Days em Marselha, nos Concertos de Natal de Ourense e em várias salas portuguesas.

REMIX ENSEMBLE CASA DA MÚSICA

Violino

José Pereira
Ana Pereira
Afonso Fesch

Viola

Trevor McTait
David Lloyd

Violoncelo

Filipe Quaresma

Contrabaixo

António A. Aguiar

Flauta

Stephanie Wagner

Oboé

José Fernando Silva

Clarinete

Victor J. Pereira

Fagote

Lurdes Carneiro

Trompa

Dário Ribeiro

Trompete

Anders Nyqvist

Trombone

Ricardo Pereira

Percussão

Mário Teixeira

Piano

Jonathan Ayerst

Harpa

Carla Bos

CORO CASA DA MÚSICA

Sopranos

Ângela Alves
Eva Braga Simões
Leonor Barbosa de Melo
Joana Pereira
Rita Venda
Ana Caseiro
Andrea Conangla
Carla Pais
Cristina Pamplona
Luísa Barriga
Bárbara Luís
Heloísa Simões
Lúcia Ribeiro
Mariana Lopes
Mariana Sant'Ana
Sara Cruz
Teresa Milheiro

Contraltos

Ana Calheiros
Brígida Silva
Gabriela B. Simões
Joana Valente
Nélia Gonçalves
Andreia Tiago
Bernardete Felisberto

Joana Leite Castro
Leonor Abrunheiro*
Marisa Oliveira*
Sara Cláudio*
Svitlana Oksyuta
Ana Sadio*
Lisete F. Almeida*
Ângela Felisberto*
Neuza Talhão*
Francisca Marques*

Tenores

Almeno Gonçalves
Gabriel Santos
Hélder Bento
Gonçalo Limpo Faria
Luís Toscano
Miguel Leitão
Vitor Sousa
Pedro Matos
Sérgio Martins
Fábio Borges
João Paulo Ventura
José António Dias*
José Carlos Mateus
José Manuel Leite
Pedro Figueira

Baixos

João Barros Silva
Nuno Mendes
Pedro Guedes Marques
Ricardo Torres
Ricardo Rebelo da Silva
Carlos Meireles
Carmindo Carvalho
César Freitas
Francisco Correia Gomes
Ivo Brandão
Luís Neiva
Mário Pimentel
Nuno Ilharco Gonçalves*
Nuno Lopes
Pedro Soares
Simão Cardoso*
Tiago de Sá

Maestrina co-repetidora

Marion Sarmiento

Pianista co-repetidor

Luís Duarte

*coralistas convidados

ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

Violino I

Zofia Wóycicka
Maria Kagan
Vladimir Grinman
Ilanina Khmelik
Evandra Gonçalves
Emília Vanguelova
José Despujols
Roumiana Badeva
Alan Guimarães
Andras Burai
Ana Madalena Ribeiro*
Diogo Coelho*
Pedro Carvalho*
Flávia Marques*

Violino II

Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
Lilit Davtyan
José Paulo Jesus
Pedro Rocha
Paul Almond
Francisco Pereira de Sousa
Vitor Teixeira
Nikola Vasiljev
Domingos Lopes
José Sentieiro
Clara Badia Campos*

Viola

Samuel Barsegian*
Joana Pereira
Anna Gonera
Francisco Moreira
Luís Norberto Silva
Emília Alves
Biliana Chamlieva
Theo Ellegiers
Rute Azevedo
Jean Loup Lecomte

Violoncelo

Feodor Kolpachnikov
Gisela Neves
Sharon Kinder
Bruno Cardoso
Aaron Choi
Hrant Yeranosyan
Américo Martins*
Miguel Fernandes*

Contrabaixo

Florian Pertzborn
Tiago Pinto Ribeiro
Joel Azevedo
Altino Carvalho
Nadia Choi
Slawomir Marzec

Flauta

Ana Maria Ribeiro
Angelina Rodrigues
Alexander Auer

Oboé

Aldo Salvetti
Luciano Cruz*
Roberto Henriques*

Clarinete

Luís Silva
Carlos Alves
Gergely Suto
João Moreira*

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner
Vasily Suprunov
Pedro Miguel Silva

Trompa

Hugo Carneiro
José Bernardo Silva
Eddy Tauber
Pedro Fernandes*
André Maximino*
Telma Gomes*

Trompete

Sérgio Pacheco
Ivan Crespo
Luís Granjo

Trombone

Severo Martinez
Dawid Seidenberg
Nuno Martins

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Bruno Costa
Paulo Oliveira
Nuno Simões
André Dias*

*instrumentistas convidados

FUNDAÇÃO CASA DA MÚSICA

CONSELHO DE FUNDADORES

Presidente

LUÍS VALENTE DE OLIVEIRA

Vice-Presidentes

JOÃO NUNO MACEDO SILVA

JOSÉ ANTÓNIO TEIXEIRA

ESTADO PORTUGUÊS

MUNICÍPIO DO PORTO

GRANDE ÁREA METROPOLITANA DO PORTO

AÇA GROUP

ÁGUAS DO PORTO

AMORIM INVESTIMENTOS E PARTICIPAÇÕES, SGPS, S. A.

ARSOPI - INDÚSTRIAS METALÚRGICAS ARLINDO S. PINHO, S. A.

AUTO - SUECO, LDA.

AXA PORTUGAL, COMPANHIA DE SEGUROS, S. A.

BA VIDRO, S. A.

BANCO BPI, S. A.

BANCO GARREGOSA

BANCO COMERCIAL PORTUGUÊS, S. A.

BANCO SANTANDER TOTTA, S. A.

BIAL - SGPS S. A.

CAIXA ECONÓMICA MONTEPIO GERAL

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

CEREALIS, SGPS, S. A.

CHAMARTIN IMOBILIÁRIA, SGPS, S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS ALLIANZ PORTUGAL, S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS TRANQUILIDADE, S. A.

CONTINENTAL MABOR - INDÚSTRIA DE PNEUS, S. A.

CPCIS - COMPANHIA PORTUGUESA DE COMPUTADORES INFORMÁTICA E SISTEMAS, S. A.

FUNDAÇÃO EDP

EL CORTE INGLÉS, GRANDES ARMAZÉNS, S. A.

GALP ENERGIA, SGPS, S. A.

GLOBALSHOPS RESOURCES, SLU

GRUPO MEDIA CAPITAL, SGPS S. A.

GRUPO SOARES DA COSTA, SGPS, S. A.

GRUPO VISABEIRA - SGPS, S. A.

III - INVESTIMENTOS INDUSTRIAIS E IMOBILIÁRIOS, S. A.

LACTOGAL, S. A.

LAMEIRINHO - INDÚSTRIA TÊXTIL, S. A.

METRO DO PORTO, S. A.

MSFT - SOFTWARE PARA MICROCOMPUTADORES, LDA.

MOTA - ENGIL SGPS, S. A.

MUNICÍPIO DE MATOSINHOS

NOVO BANCO S.A.

OLINVEST - SGPS, LDA.

PESCANOVA

PORTO EDITORA, S.A.

PORTUGAL TELECOM, SGPS, S. A.

PRICEWATERHOUSECOOPERS & ASSOCIADOS

RAR - SOCIEDADE DE CONTROLE (HOLDING), S. A.

REVIGRÉS - INDÚSTRIA DE REVESTIMENTOS DE GRÉS, S. A.

TOYOTA CAETANO PORTUGAL, S. A.

SOGRAPE VINHOS, S. A.

SOLVERDE - SOCIEDADE DE INVESTIMENTOS TURÍSTICOS DA COSTA VERDE, S. A.

SOMAGUE, SGPS, S. A.

SONAE SGPS S. A.

TERTIR, TERMINAIS DE PORTUGAL, S. A.

TÊXTIL MANUEL GONÇALVES, S. A.

UNICER, BEBIDAS DE PORTUGAL, SGPS, S. A.

EMPRESAS AMIGAS DA FUNDAÇÃO

CACHAPUZ

CIN S. A.

CREATE IT

DELOITTE

EUREST

GRUPO DOURAZUL

MANVIA S. A.

NAUTILUS S. A.

SAFIRA FACILITY SERVICES S. A.

STRONG SEGURANÇA S. A.

OUTROS APOIOS

FUNDAÇÃO ADELMAN

I2S

PATHENA

RAR

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA

VORTAL

PATRONO MAESTRO TITULAR REMIX ENSEMBLE CASA DA MÚSICA

SONAE SIERRA

PATRONO DO CONCERTINO DA ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

THYSENKRUPP



casa da música

MECENAS PROGRAMAS DE SALA

mds
ORQUESTRAS SINFÓNICAS DO PORTO

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA
DO PORTO CASA DA MÚSICA

SONAE

APOIO INSTITUCIONAL

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA**
CULTURA

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

 **BPI**